

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Director*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Externo*

MAURO GILMARAES — *Director*

FERNANDO PEDREIRA — *Arquitecto Chefe*

MARCOS SA CORREIA — *Editor*

FLAVIO PINHEIRO — *Editor Assessor*

*Ans Const  
pg 10*

## Digestão Difícil

O debate político oferecido aos brasileiros é uma sobremesa que não está à altura do banquete democrático. Os pratos servidos no dia 15 de novembro mataram a fome de votar, mas não satisfizeram os paladares mais apurados. Pior ainda são as guloseimas levadas aos enfiados cidadãos.

Já se percebe que 55% dos votos dados ao PMDB podem ser suficientes para comprometer o teor democrático da futura Constituinte, pois esse partido majoritário não fala a mesma língua. Os dialetos ideológicos do PMDB exprimem conceitos diversos e até opostos ideologicamente. Governadores, senadores e deputados, em franca maioria, não falam e nem pensam da mesma forma sobre os mesmos problemas. Se é que pensam. Pelo que dizem não parecem afeiçoados ao exercício de pensar além do horizonte dos interesses pessoais.

O novo ano vai começar sem que o partido majoritário se tenha dado conta de que, pela quantidade de votos que recebeu, é devedor de muitas satisfações aos brasileiros. Pelo menos na matéria constituinte, já era mais do que tempo de que o PMDB tivesse providenciado aquela prometida assembleia de vencedores para estabelecer um denominador comum. O seu peso em votos na Constituinte não é uma procuração ampla e irrestrita, e sim uma autorização para representar aquela soma de aspirações democráticas que foram rotuladas genericamente como mudanças. Antes que se instale a Constituinte, o partido está na obrigação de enunciar as linhas básicas do compromisso. Nada providenciou.

O PMDB não foi capaz de conciliar as linhas divergentes de pensamento e parece ter desistido de reunir os seus vencedores. Entregou-se ao usufruto narcisista de uma vitória que perde substância à medida que o partido se afasta do Governo e mantém os cargos. Não quer a responsabilidade política e sim as vantagens administrativas. Não se viu nada de mais convincente do que o apoio do PMDB aos dois momentos críticos do Presidente Sarney: quando lançou o cruzado em fevereiro e quando o retificou em novembro. Nos dois momentos, o partido evitou os riscos e embolsou as vantagens.

Abstiveram-se até hoje — mais de um mês depois — os grandes vencedores das eleições de dizer a que vieram. Em compensação, encheram o debate de inutilidades bizantinas. O mandato presidencial não é matéria que justifique tanto amadorismo. A Constituinte, no

momento oportuno, cuidará do assunto, mas não se justificam a falta de comando partidário e a falta de iniciativa governamental. Também é desconversa toda essa vaidade que foge ao mérito das questões, para ficar cuidando pela rama da presidência da Constituinte e da provável comissão que se incumbirá de elaborar o projeto a ser votado.

Por que a Assembleia Nacional Constituinte de 87 teria que prestar homenagem a figuras do passado? As homenagens feitas pelo eleitorado exprimiram-se em votos. E não é assunto que diga respeito a essa representação praticamente esgotada. Os eleitos é que devem se incumbir, quando chegar a hora, de traduzir a vontade constituinte que ainda não se explicitou — e nem foi suscitada. Por enquanto estão falando os menos credenciados, que são exatamente os que não têm mais nada a fazer nem a dizer. O comando da Constituinte e o da grande comissão vão exigir vigor físico e mental, pois os eleitos chegarão dotados de ímpeto cívico, e a situação histórica os animará a feitos afirmativos. Portanto, é preciso pensar em gente que conheça a matéria, tenha senso político e disponha de vigor físico e mental.

É indevido esse pressuroso, descontraído e suspeitíssimo desejo de servir à Constituinte, por parte de gente que não honrou o exercício do mandato. Os eleitos, como constituintes, serão soberanos para desautorizar preliminarmente tudo que pretender agora limitar-lhe os campos de decisão e ação.

O Brasil ainda não se deu conta de que, para a transição ser democrática, falta-lhe uma sólida e convincente oposição. Oposição, e não apenas um aglomerado ocasional de correntes que ficaram fora do poder. Já é mais do que tempo de aparecer a preocupação com os aspectos essenciais que desautorizam o otimismo em relação à democracia. Há oportunidade, mas há também dúvida quanto à qualidade política. E a dúvida aumenta pela falta de objetividade e o excesso de retórica com que se desconversa a respeito. Em breve, a Constituinte vai se apresentar tal como é, e não como os eleitores queriam que fosse. E será uma demonstração de falta de qualidade se no seu começo ela for a própria imagem do caos. Pois a política é também a arte de evitar problemas e ganhar tempo. Com a palavra, pois, os vencedores. A nação inteira quer saber para onde e por onde pretendem levá-la.